A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CANTOS PEDAGÓGICOS OU CONTEXTOS EDUCATIVOS?

CAMILA IZABEL GONÇALEZ HEMMEL

RESUMO

Neste artigo faz-se é uma breve reflexão sobre os contextos de aprendizagens dos bebês e crianças no CEI. Estão em processo e reflexão por ser uma atual este assunto, as escolhas e concepções que permeiam estes contextos de aprendizagem. Existe o interesse e inquietude em entender melhor a prática, que provoca o indagar do fazer pedagógico: o que oferecer as crianças seria um contexto de investigação? Uma sessão? Um território? Um ateliê? Ainda há incomodo com a possibilidade dos contextos de investigação estar vinculados apenas a esse tipo de proposta organizada. Por isso apresenta-se artigo apresenta esta proposta e trago a importância destes contextos no desemparedamento das crianças e bebês do CEI, Este artigo tem cunho teórico bibliográfico com apoio teórico que tratam esta questão tão atual que discutem a importância do tema.

PALAVRAS-CHAVE: Brincadeiras no CEI; Aprendizagem; Contextos investigativos.

ABSTRACT

This article provides a brief reflection on the learning contexts of babies and children in CEI. Because this subject is current, the choices and conceptions that permeate these learning contexts are in process and reflection. There is interest and concern in better understanding the practice, which provokes the question of pedagogical practice: what would offering children be in a context of investigation? A session? A territory? A studio? There is still discomfort with the possibility of research contexts being linked only to this type of organized proposal. Therefore, this article presents this proposal and brings out the importance of these contexts in the disembowelment of children and babies in the CEI. This article has a theoretical bibliographical nature with theoretical support that addresses this very current issue and discusses the importance of the topic.

KEYWORDS: Play in CEI; Learning; Investigative contexts.

INTRODUÇÃO

Como sabe - se a educação é um processo social que ocorre na partilha da vida comum. As crianças na Educação Infantil, hoje são vistas como protagonistas de suas próprias histórias e aprendizagens é um local onde se expressam e florescem de forma genuína, respeitando seu tempo e impulso de aprender.

O educador da infância deve considerar a escola inteira como espaço de pesquisa, investigação e criação. Deve ter a estética como um valor importante e um olhar integrado para as aprendizagens. Os Contextos de investigação e aprendizagem é a forma como tem sido explorada e reflete as concepções em que a criança explora os espaços aprendendo de forma investigativa valorizando a estética e organização dos espaços.

Os espaços muitas vezes são fora da sala de referencia. Por isso vê-se também o termo desemparedamento, os ambientes externos costumam serem os preferidos pelas crianças e bebês. Uma oportunidade para transformar as práticas educativas com eles então por que não externalizar os contextos educativos.

O CEI E A PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA

Para entender como ocorre a aprendizagem na Educação Infantil é preciso retroceder no tempo. Desde os primórdios das pedagogias participativas para as infâncias (ainda na segunda metade do século XIX) que os ambientes na Educação Infantil já eram pensados como sendo a expressão das propostas educativas que garantiam as experiências das crianças nas suas múltiplas áreas curriculares, o direito delas à aprendizagem significativa e situada e ao cuidado acolhedor, ao espaço e aos materiais para as brincadeiras, para as interações positivas e para a expressão e a comunicação de ideias, sentimentos e ações entre elas próprias e entre elas e os adultos (OLIVEIRA-FORMOSINHO e KISHIMOTO, 2002).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação Infantil (DCNEI/2010) afirma em seu artigo sétimo, que este nível de educação exerce tripla função na sociedade brasileira. A primeira é a função social do acolhimento dos bebês e crianças no sentido de assumir a responsabilidade de cuidá-la e educá-la em sua integralidade no período em que estão na instituição, complementando e compartilhando a ação da família/responsáveis.

A segunda função é política de promover a igualdade de oportunidade educacional entre as crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao o acesso aos bens culturais e as possibilidades de vivencias das infâncias. Em essência, isso significa contribuir para que os bebês e crianças usufruam dos seus direitos civis, humanos e sociais, exercendo o seu direito á participação.

A terceira função é a pedagógica, pois a unidade escolar é o espaço privilegiado tanto

para a ampliação e diversificação de repertórios, saberes e conhecimentos de diferentes ordens coam para estabelecer o encontro e a convivência entre bebês, criança se adultos.

Recentemente, meados dos anos 90 do século XX, o pedagogo italiano Loris Malaguzzi (1920 - 1934), idealizador do projeto de escolas infantis da região de Reggio Emilia na Itália, reconhecido internacionalmente por sua qualidade (DAHLBERG, MOSS e PENCE, 2003), sintetiza essa ideia de ambiente preparado, trazido por Montessori (1870 – 1952), afirmando que: o ambiente educa (HOYUELOS, 2020).

Para Malaguzzi, o ambiente educativo também deve documentar registrando a identidade e a história do grupo e dos grupos que nele interagem (FOCHI, 2019) – as suas experiências, seus modos de se organizar, suas memórias. Por isso, o espaço deve se abrir para ser marcado pelas marcas do tempo e pelas marcas desse estar junto. Esse estar junto inclui o clima, a atmosfera emocional, o tom dos sentimentos, das relações complexas e intersubjetivas do grupo. Uma atmosfera que parece ter um efeito residual porque se pode conseguir percebê-la ou lê-la até mesmo quando ninguém está ocupando os espaços, só de olhar a disposição das mobílias, dos objetos e as marcas nas paredes por exemplos.

Ao pensarmos neste espaço, deve-se ter um olhar sensível para ludicidade. Refletir sobre este espaço se faz importante. Como poderia ser a organização que propicie experiências significativas para os bebês e crianças.

CANTOS PEDAGÓGICOS OU CONTEXTOS EDUCATIVOS?

Enquanto os adulto/educadores são convidados a olhar para dentro, acolher, para que as crianças e bebês para que possam expressar de forma saudável, pensa-se na organização dos espaços. Muito já dito sobre os cantos na rotina da educação infantil, que visam atender de forma dinâmica e a ampliar a vivência cultural e social da criança com o mundo em que ele está inserido.

Portanto, um trabalho com autonomia na organização das rotinas nem é capaz de proporcionar uma aprendizagem eficaz. Sabe que é na educação infantil, que cabe ao professor e a escola oferecer esse processo, visando atender as diversidades com compromisso e qualidade, numa visão de busca de novos horizontes para a criança.

Um aprofundamento desta metodologia está sendo discutida. Qual seriam as possibilidades de ampliar a maneira de organizar os espaços?

Os contextos de aprendizagem que é a proposta deste artigo e como estas ações pedagógicas trazem outra perspectiva sobre os espaços.

Acredita-se que os contextos simples e equilibrados sem superproduções ou excessos de estímulos visuais, são mais produtivos. Outra inquietude é a hipervalorização dos contextos de investigação, praticamente se tornaram sinônimo da atividade do dia, observam-se muitos contextos repetidos, reproduções, pouca autoria e criação docente, enfim modismo que não transforma realidade alguma, falas sem nexo “inspiradas pela abordagem Reggio Emilia”. Muda-se o nome e a postura continua a mesma, sem a união entre teoria e prática. Por isso o questionamento cantos pedagógicos ou contextos educativos.

Paulo Fochi nos traz em seu livro O brincar heurístico na creche (2018) que a comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês e crianças em um contexto de vida coletiva.

Apontar caminhos metodológicos de pesquisa, práticas pedagógicas e formação docente. Ainda ressalta que o conhecimento não é estático, nem está pronto e acabado. Assumir a complexidade e o inacabamento do conhecimento e dos processos de conhecer é um ponto de partida fundamental para mudar as relações de poder e do papel da escola na vida das crianças.

O educador deve ter consciência de o próprio fazer, clareza do porque propõe determinado contexto. E esse saber vem da pesquisa, da prática, do estudo, da observação, da reflexão e da troca.

O modismo e o uso das palavras desenfreado sem saber os conceitos que envolvem cantos pedagógicos ou contextos investigativos levam a muitos equívocos. A escola é um espaço de investigação, mas não quer dizer que tudo é investigação; nessas pesquisas sobre os contextos me deparei com os seguintes termos: contexto investigativo, projeto investigativo, espaço investigativo, intencionalidade investigativa e fotografia investigativa.

No contexto investigativo o adulto prepara o espaço, os materiais e observa o que vai acontecer... Como assim? Sem saber o que olhar, sem planejar o tempo ou possíveis formas de intervir, isso se torna abandono, ou espontaneísmo. É urgente romper com essa prática esvaziada.

Mais algumas perguntas surgem sobre os contextos: qual a diferença entre cantos e contextos? Refletir principalmente a perspectiva que muda do adulto para a criança. E entre projetos e contextos? Essa é mais complexa, pois um projeto tem contextos, preciso ter novas vivências para experimentar e refletir, mas considero o trabalho com projetos em uma determinada perspectiva.

PENSAR OS CONTEXTOS INVESTIGATIVOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A existência de múltiplas infâncias e das varias de ser criança consolida um trabalho em que todos possam ter experiências de aprendizagem de acordo com suas potencialidades, sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades e na equidade. Para que estas aprendizagens ocorram realmente, envolve rever toda a fundamentação e as concepções. Dialogar com as pedagogias participativas, ter a criança na centralidade do processo educativo e articular o currículo, os saberes da criança e do patrimônio da humanidade. Vale lembrar que os currículos são plurais, documentos vivos.

Saber como se organiza a ação pedagógica na sua instituição é fundamental pra que os contextos investigativos aconteçam.

Pensar e refletir sobre contextos de aprendizagem ou contextos educativos já traz esse novo olhar de que não há um momento especifico e único para aprender e a escola toda precisa ser este contexto rico em possibilidades de pesquisa, descoberta, invenção, materialidades, natureza, desafios motores, acolhimento, relações respeitosas, ambientes provocativos, múltiplas linguagens.

Já é sabido que os bebês e as crianças aprendem pelo brincar e pelas interações em um processo não linear de construção de conhecimento, partindo de uma relação de vínculo com o adulto e do estabelecimento de um clima saudável.

As experiências vividas na escola precisam ser planejadas com intencionalidade, sentido e continuidade sem esquecer-se da complexidade, do respeito aos ritmos e tempos.

Não basta preparar um espaço e materiais e dizer que é um contexto de investigação, uma escola que investiga vai muito além, a investigação pressupõe uma problemática, a resolução de um problema, sem o docente responder a pergunta da forma convencional e sim alimentar as perguntas das crianças e criar condições para expressá-las, dentre outros aspectos.

Um docente curioso não se acomoda, cria com autoria suas práticas, aceita o não saber, observa, escuta, registra, deseja saber, está presente, junto, aberto, acolhe as perguntas e se pergunta. Valoriza, promove e sustenta a curiosidade das crianças, busca indícios, legitima as teorias infantis, oferece contextos com as múltiplas linguagens, planeja, projeta, relança, erra, acerta, tenta, reflete, cria cenários convidativos.

CONTEXTOS EM QUE OS BEBÊS E AS CRIANÇAS APRENDEM E INVESTIGAM

O cuidar e o educar são indissociáveis, portanto os bebês e as crianças aprendem, investigam e pesquisam em todas as situações cotidianas: cuidados pessoais, acolhimento, apoio ao desenvolvimento da autonomia, exploração do contexto da sala referência, do parque, do corredor, do refeitório, do pátio, das transições, do solário, da sala de arte ou ateliê, durante a entrada e a saída enfim em todos os momentos.

Portanto o que faz sentido é a escola toda como um contexto de aprendizagem ou um contexto educativo, considerando contextos amplos e específicos que garantem os seis direitos de aprendizagem (conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se) e articulam os campos de experiência nutrindo às interações, a imaginação, a fantasia, a criatividade, as pesquisas, enfim a subjetividade, a poética e as narrativas infantis.

É ainda no cotidiano que o currículo emergente se faz presente, onde a vida é conteúdo. A repetição de algumas situações gera previsibilidade, antecipação, intimidade e apropriação da vida cotidiana com abertura para o inusitado e o encantamento.

Quando o objetivo é qualificar as práticas pedagógicas e fizer uma curadoria potente, os professores devem se orientar pelos princípios éticos, estéticos e políticos das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil citadas acima, para pensar os espaços, os materiais, os tempos e as relações.

Ainda existem muitos aspectos para pensar e aprofundar, mas acredita-se que não há uma regra única como: deve ser em pequenos grupos, deve ter mais de um contexto, isso vai depender da realidade de cada instituição. Dar o melhor, dentro das suas possibilidades, estudar, registrar, refletir, trocar, buscar parcerias (mesmo que fora da instituição) construa seu percurso com as crianças e bebês.

Os diferentes contextos investigativos selecionados e classificados foram distribuídos nas seguintes categorias:

Contextos Investigativos para convidar à exploração das linguagens expressivas;

Contextos Investigativos para convidar à exploração de aprendizagens mais específicas em literacy e numeracy;

Contextos Investigativos para convidar à exploração de elementos e substâncias usando a bancada e utensílios de cozinha e a Bandeja de Experimentação;

Contextos Investigativos para convidar à exploração da imaginação com o Mini Mundo;

Contextos Investigativos para convidar à exploração do jogo heurístico e da construção com materiais manipulativos (Loose Parts);

Contextos Investigativos para convidar à exploração da natureza, dos ciclos da vida, das plantas e dos animais;

Contextos Investigativos para convidar à exploração dos fenômenos físicos;

Contextos Investigativos para convidar à exploração multicultural.

Mas do que se trata cada um dessas categorias de contextos investigativos apresentadas? Passamos agora a ilustrar essas categorias, uma a uma e a descrevê-las brevemente acrescentando um exemplo visual para demarcar sua especificidade.

(A) Contextos Investigativos para convidar à exploração das linguagens expressivas

Nesse tipo de contexto investigativo a criança encontra a sua disposi- ção uma organização de materiais que possibilitem criação através de uma diversidade de suportes, superfícies, substâncias, elementos de aplicação que podem ser combinados de múltiplas maneiras. A educadora também pode se inspirar em propostas mais definidas de arte para crianças que as levem a explorar o desenho, a pintura, a modelagem, a colagem, a escultura, deixando a disposição uma organização de elementos focada em uma proposta de arte em particular Tais como nas imagens abaixo: pintura usando conta-gotas; fazendo marcas com pigmentos naturais ou fazendo instalações tridimensionais usando barbante e papel machê. Propostas que atraiam e inspirem (GADINI, HILL, CADWELL, SCHWALL, 2019).

(B) Contextos Investigativos para convidar à exploração de aprendizagens mais específicas da literacy e numeracy

Os contextos que convidam à exploração de aprendizagens específicas da literacy podem trazer desde arranjos que identificam letras dos nomes das crianças da turma até contextos de escritas espontâneas de fatos ou partindo de livros de histórias infantis, enquanto que os contextos investigativos que convidam à exploração da numeracy são organizados de forma a focalizar nas possibilidades de pesquisa de materiais manipulativos que levem a classificar, contar, seriar, ordenar relacionar, somar, subtrair e dividir. Este contexto ocorre especial com criança acima de 4 anos.

(Contextos Investigativos para convidar à exploração de elementos e substâncias usando a bancada e utensílios de cozinha e C) Bandejas de Experimentação

Bancadas e utensílios na caixa de areia

Num contexto investigativo que usa a bancada de madeira, areia, água, pedras pequenas o objetivo é convidar as crianças a misturar os elementos e experimentar as transformações que podem resultar dessas experiências (GOLDSCHMIED e JACSON, 2012).

Bandejas de Experimentação

São contextos trazidos pelos seguidores dos Jogos Heurísticos. As Bandejas de Experimentação São também chamadas de Jogo Heurístico por Bandeja (CASTILLA, CABRERA, 2015). Trata-se de organizar bandejas colocadas ao alcance das crianças sobre mesas compatíveis com as dimensões infantis. Algumas dessas bandejas devem conter matérias contáveis (peque- nos objetos como grãos, contas, pompons de lã, etc) e outras bandejas devem conter materiais incontáveis (grãos, areia, farinhas, entre outros) como apoio deve-se colocar a disposição uma terceira arrumação em uma mesa que deve conter muitos utensílios para as crianças manusearem as Bandejas de Experimentação, tais como: peneiras, pegadores de massa, colheres, funis, potes, coadores, etc. (FOCHI, 2018).

D) Contextos Investigativos para convidar à exploração da imaginação com o Mini Mundo

Os Mini Mundos são recriações de espaços geográficos com animais e personagens tridimensionais em miniatura que levam às crianças a experimentarem a multissensorialidade e a imaginação, pois, esse contexto cria um cenário onde à criança pode se transportar sua consciência, projetando ali pensamentos e sentimentos. O Mini Mundo por vezes, é baseado em interesses já manifestos pelas crianças e sua proposta é amplifica-los através do jogo simbólico (DAVIES, 2021).

E) Contextos Investigativos para convidar à exploração do jogo heurístico e construção com materiais manipulativos

Jogo Heurístico inspirados no trabalho da educadora e pesquisadora da área da educação infantil com bebês e crianças pequenas Elinor Goldschmied (1910– 2009). O vídeo datado de 1991 - I don´t Need Toys - produzido por Anitta Hughes em parceria com Elinor Goldschmied apresenta a proposta do Jogo Heurístico. O Jogo Heurístico trata da organização de contextos onde a professora arranja esteticamente algumas combinações de materiais não estruturados em diferentes tapetes ou esteiras. As crianças se dividem nos espaços demarcados e interagem explorando as possibilidades dos materiais: tantos suas propriedades quanto suas possibilidades de combinação (GOLDSCHMIED e JACKSON, 2012).

F) Construção com Materiais Manipulativos: Loose Parts

É uma proposta inspirada no trabalho do arquiteto escocês Simon Nicholson (1934–1990) que escreveu um artigo revolucionário (NICHOLSON, 1971) que atestava a potência criativa e inovadora das conexões de partes soltas que ordenadas formam um todo. A proposta de Loose Parts trata-se de uma coleção de materiais não estruturados naturais ou criados pelo homem, organizada por espécies que fica a disposição das crianças para que elas combinem livremente as peças soltas formando seus próprios cenários envolvendo-se em um jogo de construtividade e imaginação (DUDOVIK e CIPPITELI, 2019).

G) Contextos Investigativos para convidar à exploração da natureza dos ciclos da vida, das plantas e dos animais.

Esses contextos buscam trazer arranjos que provoquem ações diretas das crianças com elementos e com variadas combinações de elementos coletados em ambientes da natureza. Alguns equipamentos podem ser inse- ridos para intensificar essa pesquisa tais como: lupas, lentes, potes, espelhos, réplicas, livros ricos em ilustrações sobre o tema proposto no contexto, pranchetas e materiais para fotografar e anotar (TIRIBA, 2018).

H) Contextos Investigativos para convidar à exploração dos fenômenos físicos

Fenômenos físicos fascinam as crianças pequenas porque elas se empenham em criar teorias provisórias para aquilo que elas acreditam dar sentido à experiência que estão vivenciando, ao interagirem com essa categoria de contexto. Experiências com magnetismo, com densidade, gravidade, peso, equilíbrio, luz, sombra, projeções, entre outros, são potencialmente interessantes e podem ser vivências estruturantes de projetos em longo prazo (OLSSON in ABRAMOVICH e TEBET, 2019).

I) Contextos Investigativos para convidar à exploração Multicultural

Nesse tipo de contexto, o educador pode recriar nichos que tragam objetos livros ilustrados, utensílios, aparelhos, culinária, outros detalhes para compor um contexto temático que leve as crianças experimentarem aspectos relativos à sua cultura ou a outras culturas diferentes da sua. Pode-se também problematizar através de contextos multiculturais questões relativas a gênero, etnia, sexualidade buscando uma ética antissexista, antirracista e não preconceituosa. É possível trazer para o contexto investigativo multicultural arranjo baseado em festividade comunitária que faça sentido para as crianças e suas famílias promovendo o estreitamento do sentimento de pertencimento para alguns e de acolhimento à diversidade para outros (CORSARO, 2011).

CONCLUSÃO

Neste artigo tem o objetivo de apresentar uma abordagem que pode ser vivenciada nas escolas infantis. É preciso acreditar com a certeza da convicção de que o trabalho com contextos investigativos não é um trabalho difícil para a educadora, ao contrário, ele é uma prática fácil porque acontece de maneira fluída, respeita o direito das crianças de se engajarem em suas próprias explorações vindas ao encontro do seu modo de ser, estar, pensar e agir (MARTINI, MUSSINI, GILIOLI e RUSTICHELLI, 2020).

É preciso abandonar a ideia de que criar contextos é uma prática que não se aplica à realidade atual das escolas infantis públicas brasileiras. Hoje, mesmo em nosso país, no interior do sistema público de Educação temos mais condições de recursos econômicos e humanos para viabilizar essas propostas nos cotidianos de nossas escolas do que os autores fundadores da maioria das pedagogias participativas tiveram quando as criaram, pois, boa parte delas emergiu em países que estavam economicamente devastados e em períodos socialmente difíceis. Nessas condições podemos citar como, por exemplo, os surgimentos das abordagens Pikler, Loczi, Reggio Emilia e do Brincar Heurístico de Elinor Goldschmied (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2017), que encontram suas origens na Europa do pós Segunda Guerra Mundial. Ao examinar esses casos pode-se dizer que ao contrário, o senti- mento de aniquilamento impulsionou a fértil criação dessas propostas que se colocavam na contramão do establishment operado pela cultura escolar tradicional (VECCHI, 2017).

Criar contextos investigativos ou ainda “convites para brincar” que obviamente levam à aprendizagem, é uma maneira prática simples de envolver as crianças em um processo complexo que pressupõe o uso de uma diversidade de materiais manipulativos e que mobiliza as suas múlti- plas combinações. Eles oferecem às crianças uma excelente oportunidade de dirigirem, elas próprias, suas brincadeiras, seguindo os seus interesses, ao mesmo tempo em que interpretam o mundo ao redor, buscando dar sen- tido às suas experiências, consolidando sua construção de identidade e de pertencimento, amplificando sua relação com o outro, intensificando as oportunidades de praticar a sua linguagem e aprofundar seu conhecimento de mundo, e com tudo isso liberando um forte sentimento de inteireza e conexão (AGUILLERA, CABANELLAS E RUBIO, 2020).

Faz-se necessário abandonar a crença de que não se pode trabalhar com contextos porque não se tem um orçamento que viabilize essa prática com qualidade. Ao realizarem uma coleção de imagens de contextos dos mais variados tipos é possível constatar a presença de materiais simples facilmente obtidos através de doações, como por exem-

plo: caixotes de madeira, tocos de troncos de árvores, carretéis grandes de madeira e outros materiais despojados que servem como mobília. Começar procurando e organizando uma coleção de materiais simples, mas significativos para usar em conjunto em seus "convites para brincar". Olhar para o que tem ou pode juntar partindo de materiais que derivam de seu consumo doméstico e pensar em como pode apresenta-los ou usá-los de maneiras diferentes em seus contextos.

É fundamental para abordagem que a educadora ofereça pelo menos três propostas de contextos para que as crianças possam se distribuir entre os diferentes convites de forma democrática. Não se limitar a um único contexto de cada vez, não é porque configura um popular "convite para brincar" que todas as crianças vão querer fazê-lo. Ter opções para as crianças se distribuírem conforme suas afinidades e preferências. Além disso, apresentar uma única opção mesmo sendo de um contexto onde as crianças possam construir livremente a partir dos materiais disponíveis, não é uma atitude democrática.

No momento de interação entre as crianças a partir do contexto, o educador precisa se colocar de forma a observar as crianças brincando: ouvir as conversas, pensar nas perguntas que as crianças estão fazendo e depois trazer seus registros para o seu planejamento pensando juntamente com sua dupla educativa como vai estender e sofisticar a investigação das crianças a partir do que observou oferecendo.

Não forçar, não sugerir, não direcionar a exploração das crianças e não elogiar. A exploração é delas. O elogio também é uma forma de direciona mento e causa dependência psicológica na criança em relação à aprovação da educadora a tudo que ela fizer, esse vício no elogio esvazia o prazer da criança na brincadeira, retira o foco da criança na descoberta e ela deixa de se mover por uma motivação intrínseca e passa a precisar de uma motivação que venha de fora dela para acionar uma iniciativa. Os contextos investigativos foi o momento de pensarmos nos espaços. Quando pensamos em contexto de aprendizagem ou contextos investigativos em nossa unidade refletimos que não basta somente preparar um espaço e materiais e dizer que é um contexto de investigação. Uma escola de Educação Infantil que investiga vai muito além, a investigação pressupõe uma problemática, a resolução de um problema, sem o professor responder a pergunta da forma convencional e sim alimentar as perguntas das crianças e criar condições para expressá-las, dentre outros aspectos. Um (a) professor curioso e investigativo não se acomoda, cria com autoria suas práticas, aceita o não saber, observa, escuta, registra, deseja saber, está presente, junto, aberto, acolhe as perguntas e se pergunta. Por isso a importância dos contextos para as crianças e bebês.

Estes espaços promovem uma potente aprendizagem, proporcionam as possibilidades de investigação estão vinculados a uma proposta organizada a partir da escuta e da observação do professor que faz as mediações, e aproveita esses momentos para compor sua documentação, neste caso o diário de bordo é uma das ferramentas que o (a) professor (a) deve ter em mãos.

As falas, as observações das crianças e bebês suas conquistas, suas aprendizagens são registradas facilitando a escrita do relatório individual de acompanhamento da aprendizagem, toda bibliografia pertinente é analisada, discutida no PEA e esta questão já compõe o nosso PPP.

Diante de tudo isso é urgente que, além de se conhecer contextos investigativos possíveis, o esforço da professora para que aconteçam estas propostas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A. e TEBET, G. Infância e Pós Estruturalismo. São Carlos; Pedro e João Editores, 2019.

AGUILLERA, M. I. C.; CABANELLAS, M. C. E, CABANELLAS, J. E. e RUBIO, R.P. Ritmos Infantis: tecidos de uma paisagem interior. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

CEPPI, Gedade do Atelier na Educação da Primeira Infância. Phorte Editora, 2017.

CORSARO, W. A. Sociologia da Infância. Porto Alegre: ArtMed, 2019.

DAHLBERG, G; MOSS, P. e PENCE, A. ualidade na Educação da Primeira Infância: perspectivas pós - modernas. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DAVIES, S.A Criança Montessori: guia para educar crianças curiosas e responsáveis. SP: NVerso Editora, 2021.

EDWARDS, C.; GANDINI, L. e FORMAN, G. As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância, 2015.

FOCHI, P. S. (org). O Brincar Heurístico na Creche: percursos pedagógicos no Observatório da Cultura Infantil: OBECI. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos GOLDSCHMIED Pedagógicos, 2018.

FOCHI, P. S. A Documentação Pedagógica como Estratégia para a Construção do Conhecimento Praxiológico: o caso do Observatório da Cultura Infantil – OBECI. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2019.

GADINI, L.; HILL, L; CADWELL, L.; SCHWALL, C. O Papel do Ateliê na Educação Infantil: a inspiração de Reggio Emilia. Poa: Penso 2019

GOLDSCHMIED, E. e JACSON, S. Educa-

ção de 0 a 3 anos: o atendimento em cre- che. Porto Alegre: ArtMed, 2012.

HOYUELOS, A. E RIERA, M. A. Complexidade e Relações na Educação Infantil. Phorte Editora, 2019.

HOYUELOS, A. A Estética no Pensamento e na Obra Pedagógica de Loris Malaguzzi. SP: Phorte Editora, 2020.

KATZ, L. e CHARD, S.. A Abordagem por Projetos na Educação da Infância. Portugal: Galouste Gulbekian, 2009.

MARTINI, D.; MUSSINI, I; GIOLI, C.; RUSTICHELLI, F. (org.). Educar é a Busca de Sentido: aplicação de uma abordagem projetual na experiência educativa de 0-6 anos. São Paulo: Editora Ateliê Carambola Escola de Educação Infantil, 2020.

MONTESSORI, M. Mente Absorvente. SP: Kirion Editora, 2021.

OLIVEIRA-FORMOSINHO J. e KISHIMOTO, T. M. Formação em Contexto: uma estratégia de integração. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____. (org.). Modelos Pedagógicos para a Educação em Creche. Porto: Porto Editora. 2017.

RABITTI, G. A Procura da Dimensão Perdida: uma Escola de Infância de Reggio Emilia. PoA: Art Med, 1999.

RESNICK, M. Jardim de Infância para a Vida Toda: por uma aprendizagem criativa mão na massa e relevante para todos. PoA: Penso Editora, 2020.

VECCHI. V. Arte e Criatividade em Reggio Emilia; Explorando o Papel e a Potencialidade do Atelier na Educação da Primeira Infância. Phorte Editora, 2017.